



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS**  
**DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**FILIPE MACIEL DE SOUZA**

**O POVO TREMEMBÉ DE ALMOFALA:  
APONTAMENTOS ANTROPOLÓGICOS, HISTÓRICOS, ETNOBIOLÓGICOS E  
SUAS LUTAS PELA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA INDÍGENA**

**FORTALEZA - CE**

**2021**

FILIPE MACIEL DE SOUZA

O POVO TREMEMBÉ DE ALMOFALA:  
APONTAMENTOS ANTROPOLÓGICOS, HISTÓRICOS, ETNOBIOLÓGICOS E SUAS  
LUTAS PELA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA INDÍGENA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Biológicas do Centro de Ciências da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado(a) em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. José Mendes Fonteles Filho

FORTALEZA - CE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S238p

Souza, Filipe Maciel de

O povo Tremembé de Almofala : Apontamentos antropológicos, históricos, etnobiológicos e suas lutas pela Educação Diferenciada Indígena / Filipe Maciel de Souza. – 2021.  
48 f.: il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof. Dr. José Mendes Fonteles Filho.

1. Tremembé. 2. Etnobiologia. 3. Cultura. 4. Educação indígena. 5. Ensino. I. Título.

CDD 570

---

FILIPE MACIEL DE SOUZA

O POVO TREMEMBÉ DE ALMOFALA:  
APONTAMENTOS ANTROPOLÓGICOS, HISTÓRICOS, ETNOBIOLÓGICOS E SUAS  
LUTAS PELA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA INDÍGENA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Biológicas do Centro de Ciências da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado(a) em Ciências Biológicas.

Aprovada em: 06/04/2021.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Mendes Fonteles Filho (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

DEDICATÓRIA:

A Deus, meu sustento desde o ontem e para meu sempre.

Aos meus pais, José Evilázio e Maria de Fátima, e irmã, Nicolly Maciel.

À minha noiva, Vitória Gabriela.

Aos amigos que torceram por mim em todo o trajeto acadêmico até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Ao Deus onipotente, provedor do descanso e tranquilidade que sempre me foram dados.

Aos meus pais e irmã, fontes de união e força em meio a todos os percalços da vida. Mais um desafio vencido ao lado deles.

À minha avó, Maria José, que há mais de duas décadas tem sido símbolo de cuidado e carinho.

À minha noiva, Vitória Gabriela, companheira de batalha e exemplo de mulher. Sempre me respeita, me levantando nas dificuldades e sorrindo comigo nas alegrias. Eis um motivo a mais para outro riso alegre.

Aos outros familiares que, mesmo distantes por conta contexto da pandemia, procuraram enviar seus votos de confiança da forma como puderam.

Ao Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva, que, com muito zelo, conduziu boa parte (quase que integralmente) meu trajeto acadêmico no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Profissional ímpar e pessoa de bem que me auxiliou nas disciplinas ligadas ao Ensino e na coordenação dos projetos de Biologia no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e no Residência Pedagógica (RP). Foi e é “pai” de muitos “irmãos” meus (colegas de curso), e nunca haverei de esquecê-lo.

Ao Prof. Dr. José Mendes Fonteles Filho (querido Babi Fonteles), que foi além do que meu orientador, mas abriu muito os meus olhos para a importância dos povos indígenas na construção do que conhecemos como “ser humano”. Pelo curto tempo de conversas à distância, o admirei com seu domínio no campo educacional sob muita humildade deste homem de bem. O levarei como exemplo para toda minha carreira profissional.

À minha amiga, Andreza Moreira, que, mais que companheira de trabalhos acadêmicos e bolsa, foi e é companheira da vida extra-universidade. Mesmo sem laços de sangue, a considero como da família pelo respeito e zelo com que sempre trata nossa amizade. Grato a Deus por todas as conversas construtivas que temos.

À minha amiga Tânila Damasceno e a seu esposo Abimael Benício, casal de mui valor e que espero carregá-los por toda a vida. Jovens que foram e são inspiração também.

Às minhas amigas, Júlia Fonseca e Rebeca Eller, companheiras de curso nos tempos da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e partilhantes da mesma fé em Cristo. Grato sou por terem sido canais de bênçãos, me fortalecendo nos momentos dos encontros e nas conversas espontâneas nos corredores da faculdade.

Aos amigos que ganhei, seja por bolsa ou pelos diálogos pelos campi, Ana Beatriz, Ariane Cardoso, Augusto Feynman, Bruna Vieira, Cícero Robert, Clésio Gomes, Daniel Frota, George Watson, Grazielly Matias, Izabel Nogueira, Marinetty Sousa, Rafaella Moura, Rogevan Lopes e Thamyres Ribeiro. Meu sincero agradecimento a cada um(a).

Ao responsável, em todos os sentidos, pela secretaria da coordenação do curso de Ciências Biológicas, Pablo Rodrigo, por todas a ajuda no decorrer dos tempos desde 2017.1.

## A FORÇA INDÍGENA

Despertado pelo início de um novo entendimento  
Resolvi contar a história desde o Descobrimento  
Espera aí, colega, que "descobrimento" o quê?  
Já havia um grande povo aqui antes de você.

Miliquinhentos, Pindorama avista algo sobre o mar,  
Devem ter se perguntado quem viria do além-mar  
Mal sabiam que lá dentro desses barcos haveria  
Exploradores portugueses de uma falsa simpatia

Entre outras mil, é a terra amada com riqueza aqui guardada  
Recheada de segredos, com vivente fauna e mata  
Repousava como mãe, em uma paz já não mais vista  
Acordada foi à força, sob o brado "terra à vista!"

Reunidos, espantados, numa ingenuidade  
Foi travada a imagem de uma nova realidade  
Enganados e iludidos, até quase embranquecidos  
Foram os índios, os nativos, que jamais foram vencidos

Acompanhando a ganância desses novos habitantes  
Havia todo um aparato bélico exorbitante  
Coisa que à primeira vista deveria impressionar  
Mas que, muito além disso, estava prestes a matar

E depois de praticarem um gigante genocídio  
(Não se engane, meu colega, ainda hoje tem ocorrido)  
Ao cultivo os portugueses forçaram os sobreviventes  
Tendo o doce da cana pelo suor de muita gente

Em quase todo o litoral desse gigante colossal  
Ypióca, terra roxa, berço de canavial  
Não se pode ignorar o extrativismo já a mil  
Pois na terra de Santa Cruz também tinha Pau-Brasil

De cor viva, como brasa, era seu interior  
Assim como era o índio, impoluto, trabalhador  
Não media seu esforço, sob grande ameaça  
"Acende a lenha, espreme a cana, que dali sai a cachaça"

Do beijú à tapioca, no Pará a maniçoba  
Engenharia ecologista manifesta pela oca  
De uma inteligência incrível, portador de ensinamento  
Todo índio, desde sempre, mostrou-se ser autêntico



Dando o prosseguimento, num mergulho cultural  
Vamos conferir a história num recorte regional  
Precisamos entender o que houve neste lugar  
De trabalho, a Seara se tornou o Ceará

Tem Tapeba, Kanindé, Pitaguary e Tremembé  
Tem Tapuya, Tabajara, Jenipapo-Kanindé  
Kalabaça, Kariri, Potiguara e Anacé  
Se organizam muito bem, vou mostrar como que é

O Tapeba na Caucaia, Anacé da mesma forma  
Em São Gonçalo do Amarante também põem mãos à obra  
Kanindé em Canindé e na cidade de Aratuba  
E lá em São Benedito encontramos os Tapuya

Jenipapos-canindés estão lá no Aquiraz  
Na Lagoa Encantada, o índio sua morada faz  
Também moram os Tabajaras na Serra da Ibiapaba  
Na Imburana, Cajueiro, Nazário, os Kalabaça

Kariri, veja a importância, deu nome à Região  
Que, além no sul do Estado, lá em Crateús estão  
Os Pitaguary abaixo estão do mesmo céu azul  
Pacatuba, Maranguape e no Maracanaú

Em Monsenhor Tabosa, Tamboril, Serra das Matas  
Habita lá um povo que é chamado Potiguara  
E ao longo da história todo povo mostrou fé  
Só na luta e na vontade, em Itarema, os Tremembé

Lá pras áreas de Almofala, se encontra a maioria  
Gente forte, destemida, que há tempos já pedia  
Um respeito à sua cultura, na língua da educação  
Mas pareciam ouvir do Estado, em grande voz, um grande “não”

À Educação Indígena nós temos que atentar  
Aprender com as raízes não se pode ignorar  
Na Capital já é difícil, imagina no interior  
Daí o Magistério Indígena Tremembé Superior

Mas nem isso foi motivo para ter desilusão  
Foi iniciado o MITS, Tremembé em formação  
Construía uma estrada com destino ao “emancipar”  
A própria Universidade Federal do Ceará

Nem só professor formado esse curso trouxe à tona  
Despertou vários talentos, Tremembé nos proporciona  
Com as metodologias e estratégias pra ensinar  
Parte da realidade começou se transformar

A educação Tremembé já diferenciada  
Rendeu livros, produções direto de Almofala  
Sobre a primeira escola foi “Alegria do Mar”  
Que, segundo a autora, muitos iam visitar

Que povo unido e forte! Tamanha inspiração!  
Com a esperteza de garajuba e bravura de tubarão  
De encantos a encantados, gratos são pelo que têm  
Dia a dia mais unidos, com a dança do Torém

Essa dança especial, muito mais que ritual  
Reforça a comunhão, mata o mundo desigual  
Também chamam de Imbaúba, tão comum no litoral  
Cura os rins, o intestino, vegetal medicinal

Mas cadê o conhecimento e o reconhecimento?  
Tanto são os que os combatem com nenhum embasamento  
Não é só o Tremembé, não é só em Itarema  
Há o Índio em toda parte, compadre do Ecossistema

Agradeço pela chance de falar por estes versos  
Expressar o que entendi de como veem o universo  
Grato sou pelo empenho demonstrado pela turma  
Fica claro, desde já, que toda (a) luta continua

*Filipe Maciel de Souza*  
*(fruto da disciplina Educação Indígena,*  
*FACED/UFC, semestre 2020.1)*

## RESUMO

A emancipação é pertinente a todo indivíduo praticante de sua cultura, inclusive aos que se sentem oprimidos historicamente, principalmente por meios sociopolíticos. Em outras palavras, muitos são calados pelas sistematizações históricas que contrariam a liberdade de expressão. Os povos indígenas, isto é, os nativos, sofreram após o contato com estrangeiros que vinham do alto-mar há mais de cinco séculos, sendo censurados de diferentes formas, tornando-se vítimas de muitas medidas inibitórias. Hoje, ouve-se e sente-se ainda a reverberação das atitudes e decisões colonialistas, sendo necessária luta em busca de direitos igualitários a respeito do acesso aos serviços básicos por parte desses mesmos povos. Na área da educação não é diferente. Analisando fatos por meio desta contextualização, o presente trabalho tem como objetivo levantar argumentos de cunhos antropológicos, históricos e etnobiológicos que apoiam as lutas pela Educação Diferenciada Indígena, tendo como referencial os Tremembé de Almofala, no Estado do Ceará. As técnicas para sobrevivência; o bom uso dos frutos do mar e da terra; o respeito às gerações mais antigas, e as variadas formas de linguagem expressadas nos cantos e danças, são elementos que perpassam a cultura Tremembé e exaltam ainda mais a autonomia que este povo merece ter em face da gestão educacional estadual, desprovida de representantes próprios. Para isso, a criação do MITS (Magistério Indígena Tremembé Superior) deu a professores indígenas um perfil personalizado e qualificado aos estudantes indígenas, que antes sofriam discriminações em escolas tradicionais da região.

**Palavras-chave:** Tremembé. Etnobiologia. Educação indígena. Cultura. Ensino.

## ABSTRACT

Emancipation is relevant to every individual practicing their culture, including those who feel oppressed historically, mainly by socio-political means. In other words, many are silenced by historical systematizations that run counter to freedom of expression. Indigenous peoples, that is, natives, suffered after contact with foreigners who came from the high seas more than five centuries ago, being censored in different ways, becoming victims of many injunctions. Today, the reverberation of colonialist attitudes and decisions can still be heard and felt, requiring a struggle in search of egalitarian rights regarding access to basic services by these same peoples. In the area of education it is no different. Analyzing facts through this context, the present work aims to raise anthropological, historical and ethnobiological arguments that support the struggles for Differentiated Indigenous Education, having the Tremembé de Almofala as a reference, in the State of Ceará. The techniques for survival; the good use of seafood and land; respect for older generations, and the varied forms of language expressed in songs and dances, are elements that permeate the Tremembé culture and further exalt the autonomy that these people deserve to have in the face of state educational management, devoid of their own representatives. To this end, the creation of MITS (Tremembé Superior Indigenous Magisterium) gave indigenous teachers a personalized and qualified profile to indigenous students, who previously suffered discrimination in traditional schools in the region.

**Keywords:** Tremembé. Ethnobiology. Indigenous education. Culture. Teaching.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	<i>Göbekli Tepe</i> .....	25
Figura 2	–	<i>Pentre Ifan</i> .....	26
Figura 3	–	<i>Caral</i> .....	26
Figura 4	–	Recorte do mapa elaborado por Curt Niemuendajú	38

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
EUA	Estados Unidos da América
FACED	Faculdade de Educação
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISA	Instituto Socioambiental
MEC	Ministério da Educação
MITS	Magistério Indígena Tremembé Superior
MOVIPEC	Movimentos Sociais, Interculturalidade e Perspectivas de Educação Contextualizada
PIB	Povos Indígenas no Brasil
PPP	Protejo Político-Pedagógico
PRODEMA	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente
UFC	Universidade Federal do Ceará
SEDUC	Secretaria da Educação do Estado do Ceará
SIGAA	Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas
SPI	Serviço de Proteção ao Índio

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1</b>	<b>CONTRIBUIÇÕES DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO INDÍGENA PARA A COMPREENSÃO DA TEMÁTICA INDÍGENA ATUAL .....</b>	<b>19</b>
<b>2</b>	<b>BREVE HISTÓRICO DA CIVILIZAÇÃO HUMANA.....</b>	<b>23</b>
<b>2.1</b>	<b>As eras do autoconhecimento.....</b>	<b>23</b>
<b>2.2</b>	<b>A chegada à América do Sul.....</b>	<b>27</b>
<b>3</b>	<b>CENTRALIZAÇÃO EUROPÉIA E HEGEMONIA.....</b>	<b>29</b>
<b>4</b>	<b>ÍNDIOS NA AMÉRICA DO SUL.....</b>	<b>32</b>
<b>5</b>	<b>OS TREMEMBÉS.....</b>	<b>34</b>
<b>5.1</b>	<b>De onde vem os “Tremembé”? .....</b>	<b>35</b>
<b>5.2</b>	<b>O curso de Magistério Indígena Tremembé Superior (MITS) .....</b>	<b>40</b>
<b>5.2.1</b>	<b><i>A origem do curso de Magistério Indígena Tremembé Superior.....</i></b>	<b>42</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta da soma das diversas aulas, experiências e momentos de prática nas disciplinas ‘Instrumentalização para o Estudo/Ensino da Ciência’, ‘Métodos de Pesquisa em Ensino de Ciências e Biologia’, ‘Biologia de Campo Aplicada ao Ensino’, ‘Estudos Sócio-Históricos e Culturais da Educação’, ‘Educação Ambiental’, além da ‘Educação Indígena’ que, por sua vez, foi a centelha provocadora de toda forma de rebusca – seja em artigos, livros, depoimentos, poesias faladas e cantadas e outros documentos.

A representatividade educacional Tremembé trazida nesta monografia se deu graças aos tópicos de: localidade (em defesa dos indígenas a nível nacional, longe de qualquer traço de colonialismo, utilizando-se de um forte exemplo de pertencimento à terra deste povo presente em Almofala, no Estado do Ceará); habilidades e competências (mostradas na atitude tomada de convergirem a sua cultura aos processos de ensino e aprendizagem), e numeroso material bibliográfico (produzido pelos próprios Tremembé, incluindo trabalhos organizados em parceria com a Universidade Federal do Ceará, devendo ser reconhecidos, de uma vez por todas, como fontes que privilegiam todos que as acessam).

Na verdade, o que me motivou inicialmente a investigar os saberes indígenas foi a vasta perícia nas habilidades, na confecção de ferramentas improvisadas e a criatividade mesclada ao regionalismo presente nas nomenclaturas expressadas nos reinos Animal e Vegetal, assim como nos nomes das cidades brasileiras em geral. Carrego tais caracteres marcantes na memória desde as viagens a Boa Viagem e Quixeramobim, cidades circunvizinhas no Sertão Central do Ceará, nas casas de minhas tias-avós. Nas conversas à beira da mesa da cozinha durante os cafés-da-manhã, sempre me chamavam a atenção e me prendiam ali, sem sequer notar o tempo passar ou ter pressa para ir brincar com os primos e primas, tudo por causa dos assuntos envolvendo animais comercializados e acidentes com eles; história da bravura de outras pessoas da vizinhança do povoado, e suas lendas. Logo, o destrinchar de detalhes acerca dos aspectos culturais me fizeram notar quão autêntica era a visão de mundo dos meus familiares interioranos de origem simples, trabalhadores braçais desde a infância e que pouco puderam usufruir de um singelo livro do Ensino Básico de qualquer disciplina.

No mais, destaco que a efêmera vida sertaneja com a qual convivia durante as férias escolares me reforçou à memória os índios que, ao meu ver, parecem ser semelhantes com esses quanto ao modo de vida rústico, portando, claro, suas peculiaridades culturais.



Sobejou, então, atrelar minha visão ao próprio conhecer dentro do possível, isto é, o quanto me é permitido pela própria cultura indígena, designando respeitoso diálogo sempre.

Outra razão pela qual me identifiquei com a Educação Indígena é por estar residindo a pouco menos de 5 quilômetros da já urbanizada aldeia dos Tapeba às margens da CE-085, onde já habitam em casas bem estruturadas e estão numa área de conurbação entre Fortaleza e Caucaia, município pertencente à Rede Metropolitana de Fortaleza. Minha ideia inicial era trabalhar na investigação deles, intra e extra-escola (Escola Indígena da Ponte), analisando o contexto da comunidade periférica dali e os destaques sobre a Etnobiologia dos mais velhos que, decerto, carregam uma enciclopédia da própria etnia em suas memórias. Contudo, por contratempos causados pela pandemia de COVID-19, não foi possível sequer assistir às aulas presenciais e nem conversar com os vinculados à escola. Assim sendo, sem querer me separar da temática da supracitada Educação, restou-me planejar uma logística que consistiu, no final das contas, na junção da Universidade - que poderia estimular o meu pensamento crítico ao mesmo tempo que estivesse acrescentando - com a vivência que, com muita certeza, esperava encontrar no docente e noutros colegas que conheceria em breve. Tiro certo.

Inspirando-me em toda carga de compreensões na Biologia unidas aos recentes e potenciais alcances recordados a respeito dos “brasileiros originais”, hei de fiar um sucinto percurso ao longo das principais eras que foram significativas no panorama de diferentes visões de mundo que, de uma forma ou de outra, incidem nos primeiros pulsos do pensamento científico. Todo esse levantamento histórico será uma argumentação que culminará na atualidade, observando como os Tremembé encaram o meio ambiente em favor de sua (sobre)vivência e educação.

O primeiro elo entre o Índio e a Educação baseia-se na sua vivência em meio aos elementos naturais, coisa que a arqueologia dos paleoíndios nas Américas procura entender. É certo que buscou sobreviver a fatores bióticos e abióticos como disponibilidade de água, variabilidade de fontes de energia (animais passíveis de serem caçados), precipitações torrenciais, temperaturas baixíssimas dos invernos rigorosos e entre outros elementos que contribuíram na revelação da criatividade multifacetada das mais diversas etnias para romper com tais obstáculos.

Num mundo ainda não legislado, quaisquer povos indígenas antigos poderiam não saber do que se tratavam os conceitos de “extrativismo consciente”, assim como os termos “conservação”, “preservação”, “sustentabilidade” e “pensamento ecológico”. Como guardiões de seus terrenos, administraram bem a Natureza que hoje não é mais tratada da

mesma forma. Observa-se, por exemplo, que a etimologia ameríndia expõe como realizavam as primeiras observações dos territórios do dito Novo Mundo, que já eram as suas terras de moradia, concedendo às variadas formas de paisagens denominações brutas (por exemplo, chama-se a província estadunidense de Massachusetts, derivado de *Massachuset*, descrita pelos Wampanoag como "junto das colinas" (HILLEARY, 2017) no século XVII.

Não obstante, além das línguas inalteradas dentre as etnias serem como joias raras em posse de poucos dentre os vivos, a dominação dos europeus colonizadores sobre esses mesmos povos acabou por frear também os aprimoramentos nas técnicas cotidianas já empreendidas (até 'onde' teriam chegado com sua inventividade engenhosa?) e ofuscou peças de um mosaico cultural que muitos, posteriormente mortos em combates, traziam consigo. Isso se compara a um borrão que ocupa várias páginas no livro das histórias indígenas e que somente um legítimo nativo e familiar pode auxiliar neste resgate de informações. Se de uma geração para a seguinte alguns detalhes podem não ser contados, esquecidos ou alterados, imaginemos o quanto pôde se ter perdido da autenticidade histórica num salto cronológico considerável.

Após a introdução no assunto mediante esse recorte no tempo, procuraremos ver o avanço dos povos em suas subdivisões mais adiante, tanto geograficamente como por mudanças internas. Perceber-se-á a diferença entre os paleoíndios e os índios atuais propriamente ditos apoiadas nas discrepâncias das conformações cranianas quando comparadas, sendo os mais antigos semelhantes aos aborígenes australianos e aos africanos nesse quesito de fisionomia, e os mais recentes derivados de mutações intrapopulacionais<sup>1</sup> que, em outras palavras, atesta a afirmativa darwiniana de que o meio é o responsável por selecionar os mais aptos.

Configura-se, cerca de 15 séculos pós ano 0 d.C., então, um cenário perfeito para o explorador da era das Grandes Navegações, que haveria de se encontrar com os povos enraizadores do que o Brasil é hoje: o retrato de berço miscigenado<sup>2</sup>.

A transformação do continente causado pelos europeus em colônia abriu margem para que genocídios fossem praticados facilmente devido ao porte bélico dos

---

<sup>1</sup> Acompanhado do termo anterior, esse termo refere-se às variações genéticas situadas dentro de um grupo de indivíduos que têm em comum o espaço (área de vivência ou habitat) e o tempo (momento histórico-geológico).

<sup>2</sup> Por questão de ressalva, não foi a colonização quem inventou a miscigenação. Os povos indígenas, desde tempos imemoriais, a experimentavam, inclusive como estratégia fundamental em suas alianças políticas, por exemplo, através dos matrimônios intertribais. O colonizador tem o desmérito de impor a miscigenação através de violências de toda sorte. Comentário de José Mendes Fonteles Filho (25/03/2021). Fortaleza, Ceará.

portugueses. Constata-se uma exploração “a mil” da mão-de-obra dos remanescentes, uns inconformados certamente, outros rendidos às recompensas não tão justas para o esforço diário, todos pertencentes aos povos recentemente flagelados, com entes queridos assassinados e em busca de sua reconstrução individual e coletiva. Mais adiante, em 1549, o trabalho dos jesuítas é posto em ação por meio da catequização dos índios, levando-os aos primeiros sinais de transformações culturais violentas que vivenciam até hoje.

Um fato que merece destaque e necessita de explanação também é o índice elevado de mortes em detrimento das doenças trazidas dentro das caravelas, tanto pelas condições de má higiene, como pelos anteriores e contaminados ares europeus inspirados por aqueles que nelas vinham. Obviamente, o Brasil pré-colonial não era estéril a quaisquer pestes, mas acrescentaram-se tuberculose, sarampo, coqueluche, varíola e sífilis à sua lista de agravantes de estado de saúde.

Muito se lutou, seja de forma física em batalhas contra outras pessoas (exploradores) e contra as patologias, seja de forma política no âmbito nacional. Os povos enfrentaram discriminação e passaram a ser margem da sociedade, imagem essa que vêm conseguindo desmanchar aos poucos com algumas conquistas, frutos de muito combate de conscientização. Afinal, as políticas indigenistas apenas vieram a aparecer com o advento do Sistema de Proteção ao Índio (SPI), através de Marechal Rondon em 1910, sob a alegação de que aproximá-los da sociedade nacional era essencial, porém com seu viés de outras intenções.

Chegaremos, pois, à cultura Tremembé, que será posta no escopo do trabalho, da parte intermediária à final. Há muito o que se trabalhar, antes que a educação entre em cena, como explorar os antecedentes dos membros da etnia, saber qual o sentimento de pertencimento deste povo em relação às terras sobre as quais habitam e retiram o sustento diário.

O objetivo do trabalho e de toda a reviravolta das pegadas antropológicas expressada nos parágrafos anteriores (e que será detalhada nos capítulos a seguir, tal qual a narrativa de um itinerário delongado e cansativo), serve para realizar apontamentos que cerceiam o que é a natureza em diferentes aspectos dentro da cultura indígena, referindo-se ao povo Tremembé.

De redundância necessária, investigaremos o porquê que ele é o que é, faz o que faz e ensina o que ensina. São reconhecidos por carregarem um “sofisticado conhecimento ecológico, transmitido de geração a geração” (PINTO; MATOS; RUFINO,

2018), na contramão dos poderes privados e públicos gananciosos, lutando como os povos indígenas do passado.

Sendo a educação uma arma primordial na formação do indivíduo, os Tremembé uniram o útil ao agradável ao aprimorarem a própria instrução ao firmarem parceria com a Universidade Federal do Ceará, a fim de que houvesse a criação do curso de Magistério Indígena Tremembé Superior (MITS).

## 1. CONTRIBUIÇÕES DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO INDÍGENA PARA A COMPREENSÃO DA TEMÁTICA INDÍGENA ATUAL

Para encontrar os referenciais ideais, é e foi mais sensato recorrer às atividades ocorridas na disciplina de Educação Indígena.

Primeiramente, o que nos introduziu de forma central foi o curta-metragem "As Caravelas Passam"<sup>3</sup> que trouxe a perspectiva do indígena sobre a história do Brasil, nação literalmente alicerçada pelo trabalho braçal e esforço não somente oriundo dos navios negreiros, mas também das aldeias aqui pré-existentes ao Descobrimento. A concepção eurocêntrica dos antigos relatos, sem dúvidas, tentam amenizar ou até mesmo esconder fatos equivalentes a crimes contra a humanidade – mais precisamente, exploração e privação da liberdade – ideia antagônica aos princípios construtores das sociedades modernas. Isso mostra o quanto pobre está a raiz de nossa concepção do indígena sobre a Educação. Se aprendemos sobre os povos indígenas no Ceará na escola, talvez pouco tenhamos nos nutrido da riqueza e compreensão que esses têm sobre o mundo. Talvez aquela aula no Ensino Básico foi mais expositiva do que estimuladora de reflexão e aplicação em algo no cotidiano escolar, apoiando ainda mais a auto definição coletiva (OLIVEIRA, 1995) e preconceito. Como muito se discute por afora: “só lembramos do índio no Dia do Índio, quando nos caracterizamos naquela estereotipagem do cocar com penas, pinturas no rosto e etc”<sup>4</sup>.

Num segundo momento, o professor nos indicou o vídeo “O Povo Brasileiro – Matriz Tupi”, baseado em uma das leituras de Ribeiro (1996). Esse livro nos traz ideia da organização econômica e agrária indígena que eram baseadas na subsistência e na preservação das terras e do que há nelas. Por exemplo, segundo o professor Babi Fonteles, os Yanomami “ainda hoje caçam em regime de rodízio: se em uma semana caçam uma paca, na outra, uma anta, na outra, um veado, em outra, peixe, etc”. Isso evita a extinção de parte da fauna local, que tão diversa é. Também comprova que a parte empírica da vida é muito mais consciente (pelo menos no âmbito da ação) do que a parte científicista-gnosiológica.

Aplicando para os dias de hoje, os índios sempre foram ecológicos em todos os sentidos, tomando para si elementos da natureza para fins alimentares, medicinais,

---

<sup>3</sup> Produção: Instituto Nosso Chão (2002). Link: [https://www.youtube.com/watch?v=gO0dImEt\\_0&t=123s](https://www.youtube.com/watch?v=gO0dImEt_0&t=123s)

<sup>4</sup> Fala oportuna de um dos colegas em uma aula introdutória da disciplina de Educação Indígena pela FACED/UFC.

religiosos/espirituais/ritualistas e habitacionais. Além disso, percebemos que não havia a sedenta concorrência que o capital causa hoje entre aqueles de mesmo sangue nas sociedades modernas, uma vez que não havia alvo merecedor de ser dominado. Se havia algum domínio, esse era sobre a Natureza.

Numa aula seguinte, conversamos sobre o texto 'Movimentos e políticas indígenas no Brasil contemporâneo' (BANIWA, 2007), enfatizando a (ir)responsabilidade da FUNAI a favor dos Povos Indígenas e sua origem, bem como o extinto Serviço de Proteção aos Índios (SPI), fundado por Marechal Rondon em 1910. Dialogamos também sobre a formação dos primeiros antropólogos brasileiros e posteriores trabalhadores pioneiros na área dos estudos sobre Povos Indígenas. Ademais, conversamos sobre a falta de sensatez da parte política brasileira que mostra indiferença e frieza - através da corrupção exacerbada - diante da resiliência das diversas etnias e que incluem-se aí outras minorias. Por fim, tivemos o esclarecimento sobre "como os educadores podem atuar para garantir uma Educação Indígena sem que ela perca suas características e até que ponto nossa educação pode prejudicar a Educação Indígena" e, assim, concluímos de que precisamos estudar/enraizar/fazer-se parte à e da própria Educação Indígena observando sua intersecção com a Educação que tradicionalmente conhecemos.

Enriquecemos nossa interpretação também através de um novo compartilhamento, quando o professor nos mostrou um livro que o mesmo organizou. Seu título é 'História da educação diferenciada Tremembé' (NASCIMENTO et al., 2014), que mostra a luta pela Educação a partir da simples e despretensiosa Escola Alegria do Mar (localizada em Almofala). Seis anos depois, em 1997, após pausa das atividades em 1992, haviam já 6 escolas de educação diferenciadas tremembé a serviço da comunidade. A partir daí, a Alegria do Mar teve suas raízes ainda mais nutridas e fortificadas, sendo uma referência das mais criativas e ousadas investidas no campo da educação no Ceará e no Brasil. Luta-se hoje ainda pelo resgate de saberes e da identidade do povo Tremembé. Assumo que, para mim, é uma tarefa duplamente árdua falar do sujeito indígena. Primeiramente, porque o trabalho se baseará em artigos, livros, mapas e outras fontes cujos autores, em quantidade significativa, não pertencem a qualquer etnia do grupo em questão, vista a raridade de relatos fidedignos de nativos em detrimento da dificuldade de conservação dos documentos e/ou de possíveis mudanças de curso nas histórias com vieses políticos. Segundo, pela iniciativa relativamente recente de resgate dos costumes em formas de abordagem da Biologia e das demais disciplinas escolares - o currículo como um todo - no Ensino Básico no cenário nacional, que principia com produções ainda em

crescimento quantitativo, elaboradas pelos próprios indígenas. No entanto, o respaldo apresentado por estudiosos da Educação e das culturas indígenas revela a peculiaridade do Índio no discernimento do seu mundo e assume um humilde papel de reconhecimento e polimento sobre o que se conhece desses participantes sociais importantes, essenciais na construção do que hoje é a nação brasileira, ou melhor, América.

Outra dificuldade inevitável de ser suprimida será pela exclusiva disponibilidade das obras por meios virtuais. As plataformas utilizadas foram: Google Scholar, Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Research Gate, Conselho Indigenista Missionário (CIMI), assim como os sites 'Terras Indígenas no Brasil' e 'Povos Indígenas no Brasil' (PIB) que são filiados ao Instituto Socioambiental (ISA).

Hoje é visto, nos relatos de “senso comum”, uma subliminar abordagem eurocêntrica das rotas; dos relatos; das ramificações e (re)emergências sociais de etnias; e das próprias lacunas similares a momentos de silêncio forçado sobre os Povos Indígenas - em posicionamentos ou respostas a determinados acontecimentos ao longo da linha do tempo, impossibilitando o (re)conhecimento do estudante sob a luz da perspectiva dos índios acerca do mundo que o cercou e cerca.

Infelizmente, o anterior, juntamente com o presente semestre, têm sido tempos da pandemia de Covid-19, impossibilitando qualquer tipo de contato presencial com o povo Tremembé, me limitando a encontros virtuais que contaram com a presença de líderes tremembés (como o cacique João Venâncio e o pajé Luiz Caboclo) e professores formados pelo MITS (Magistério Indígena Tremembé Superior), curso exclusivamente criado em favor de uma licenciatura descolonizante. Tais diálogos à distância aconteceram a partir de conversas em conferências do ‘Movimentos Sociais, Interculturalidade e Perspectivas de Educação Contextualizada’ (MOVIPEC<sup>5</sup>) e do ‘Dialogus Laicus’<sup>6</sup> (Laboratório de Identidade, Cultura e Subjetividade). Ambos têm sua propriedade de bom embasamento teórico conforme a proximidade e excelente abertura que apresentam para com os Tremembé, representados alternadamente entre seus membros a cada oportunidade.

Faremos uma abordagem cronológica de início, começando mui antes do período pré-colonial português nas terras da, antes, Pindorama e, posteriormente, Ilha de Santa Cruz. O que interessa, numa primeira vista, é realizar um breve panorama da história

---

<sup>5</sup> Atividade transdisciplinar realizada pelos docentes e estudantes das disciplinas a Área de Movimentos Sociais e Educação do curso de Pedagogia da UFC na altura do semestre 2020.1.

<sup>6</sup> Os *Dialogus Laicus* são uma das atividades desenvolvidas pelo Laboratório de Identidade, Cultura e Subjetividade – LAICUS, projeto de extensão da UFC coordenado pelo Prof. Babi Fonteles.

do homem no seu estado o mais ‘natural’ possível, um aprendiz livre no planeta ou, como descreve Rousseau (2020) em seu discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, refém dos “*Principes certains et invariables*”, isto é, estancado pelos certos e invariáveis princípios da lei natural.

A Etnobiologia se fará presente como cenário antropológico. Temos auxílio dos antigos botânicos e zoólogos que viajaram ao Brasil a fim de explorá-lo visando a catalogação de novas espécies. As expedições se mesclam com o contato que alguns desses estudiosos tiveram com os nativos e esses tipos de encontros são interessantíssimos, tanto pela troca de saberes, quanto pelo choque de costumes entre as culturas nessas viagens aventurosas.

Esteja, pois, mesmo que situado num capítulo recortado, concatenando, unindo e contextualizando todos os argumentos, não somente filosóficos na prerrogativa em defesa dos povos indígenas, mas antropológicos, históricos e etnobiológicos. De certa forma, a união desses contribuirá na aquisição de mais conhecimento mediante a produção da reflexão pautada na luta pela Educação Indígena Diferenciada como direito dos indígenas. Não é confortável retratar a história da humanidade por completo, tanto pela área científica do trabalho pertencer à Biologia, como extenso também já é retratar a quarta parte da Era Comum que por si só tem seus percalços, porém todo o traçado árido é pertinente ao máximo para o objetivo deste trabalho.



## 2. BREVE HISTÓRICO DA CIVILIZAÇÃO HUMANA

O intuito deste capítulo é de explorar a evolução interpretativa da natureza por parte do ser humano para que, posteriormente, destaquemos os índios. Por questão de organização dos fatos históricos e de constatação das conseqüentes mudanças, tanto de filosofias como as políticas, que convergem no que o planeta reflete hoje, é pertinente ao leitor-estudante uma rememoração breve do que se aconteceu até chegarmos à atual e delicada situação dos povos indígenas no Brasil. aventurasas.

Torna-se até impossível realizar um recorte a partir de um determinado século e/ou ano, pois há bem mais que 500 anos existia uma considerável população no território sulamericano, do litoral de mata atlântica às brenhas da Amazônia. Dessa forma citada, trataríamos a História na versão eurocêntrica, entregues à ignorante cegueira sociocultural.

Então, ao decorrer dos parágrafos finais deste capítulo e nos que virão em seguida com mais detalhes, estaremos nos deparando com um coletivo de povos ramificados em várias tribos e línguas, portando suas próprias sistemáticas de lideranças internas, divididos geograficamente por barreiras naturais, sem fronteiras geopolíticas tão marcantes como são atualmente, e desprovidos da vindoura, abusiva e catastrófica delimitação de terras<sup>7</sup> forçada pelos colonizadores europeus.

### 2.1. As Eras do autoconhecimento

Ainda no período Paleolítico, os homínídeos iniciaram sua peregrinação na terra como nômades, procurando regiões biogeograficamente passíveis de oferecerem abrigo e alimento dia após dia. É claro que não havia um levantamento de riscos acerca de fatores do meio que fossem favoráveis, porém o conforto, ou a supressão do desconforto, foi e é instinto, nato, visto numa automaticidade inerente do ser. Com o passar do tempo, conseguiram se fixar por um período mais prolongado uma vez que achada foi a perenidade dos recursos em determinados locais em relação a outros, assim como houve a própria descoberta do fogo que, antes provocado por oportunas descargas elétricas, também passou a ser resultado do atrito voluntário entre pedras lascadas.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Pode parecer que são semelhantes, mas, são bem diferentes: uma coisa são os aldeamentos impostos pelo padres/colonizadores; outra coisa são as demarcações de terra, reivindicadas pelos indígenas. Comentário de José Mendes Fonteles Filho (25/03/2021). Fortaleza, Ceará.

<sup>8</sup> (LOPES, 2014, p. 16)

Inclusive, o aprimoramento nas técnicas de defesa e consequente ataque contra predadores foi a chave de ignição na origem da ação do ‘dominar sobre’, partindo do mais racional sobre o menos racional cujo seu comportamento é compreendido pela ciência que, hoje, chama-se ‘Ciência do Comportamento Animal’ ou ‘Etologia’, termo lançado por Lorenz (1995).

Iniciava-se, a partir daquele momento, a agricultura. A Natureza, em sua materna linguagem capaz de ser compreendida por todo ser vivo, oportuniza o sedentarismo em forma de acomodação e certeza de que o alimento dos dias seguintes seriam providenciados pelo solo. O sol e a lua eram companheiros certos de todo ciclo entre o claro e o escuro, assim como lhes eram atribuídos poderes cósmicos e endeusamentos por parte de muitos. Automaticamente, as colheitas em mãos comportavam-se como “frutos” de alegria, espólios que eram como penduricalhos em galhos dados como presentes, de sabores doces a azedos. Talvez, até mesmo instigados por suas próprias bisbilhotices, alguns tenham morrido por ingerir alimentos letais ao organismo.

Verifica-se, portanto, que os primeiros habitantes foram os primeiros cientistas no laboratório vivo que é a própria Terra, antes que houvesse o método científico propriamente dito. Se inseridos no contexto atual, diríamos que esta foi uma das primeiras profissões a surgir ao lado da ocupação de artista.

Quando um fenômeno emerge no mundo, traz em si marcas da fonte objetiva de origem: é percebido e registrado por um sujeito, que possui em sua organização algo dessas marcas, uma vinculação de caráter indicial. O meio ambiente foi, de alguma maneira, pelo menos parcialmente mapeado no observador [...]. Estudar a estrutura e organização de um fenômeno é estudar a estrutura e organização do objeto e também a isomorfia existente na estrutura e organização do sujeito. Não é o sujeito que ‘cria’ o mundo: ele foi criado pelo mundo e em contrapartida o cria também - e um ciclo de semiose é fechado. (VIEIRA, 1994, p. 16)

No sucessor período Neolítico, a luta contra animais maiores que o próprio indivíduo humano ficou mais fácil. Se anteriormente o homem andava em gerações familiares reduzidas, neste recorte do tempo acontecem as primeiras interações sociais em grupos mediante o advento da agricultura, da pecuária e da escrita. A própria dominação, já antes aqui citada, era vista na domesticação de animais e na nova relação estabelecida entre senhor e súdito - dependente de seu serviço a troca de moradia e alimento, ou seja, trabalhava para (sobre)viver - sendo ele tratado como servo, escravo ou vassalo (como posteriormente acontece na Idade Média no sistema feudal). Observamos aí os primeiros

sinais das camadas sociais e/ou status social. Concomitante e de mesmo modo como houve progresso do cultivo mediante o entendimento dos ciclos naturais para se ter a perfeita colheita e os mais bem nutridos animais à disposição, a ascensão da escrita impulsionou a origem dos primeiros aparelhos imperiais de tal maneira que ajudou na organização dos setores populares, abrindo margem a um sistema de trocas onde se conseguia o que havia em falta no lar mediante troca pelo que se tinha mais do que suficiente ou pelo que fosse menos penoso de se dispensar. Ora, se esse primitivo processo comercial gerou disparidades de poder aquisitivo entre pessoas de uma mesma comunidade, essa desigualdade não tardaria em se alastrar além de suas terras conjugadas. É por esse motivo que, se analisarmos a linha do tempo, observamos hegemonias se alternando como que em cenários de poucos triunfantes ao redor do mundo, com poderes políticos sobre grandes áreas dos continentes (BELO; TELES; SILVA, 2017).

Outro fator em constante evolução foi a infra-estrutura dos grandes centros. Tornavam-se ainda mais complexos com construções engenhosas, ainda que rudimentares num primeiro momento, das quais muitas ainda sobrevivem às intempéries e às degradações antropológicas atuais. As exemplificações derivam das mais diversas coordenadas como *Göbekli Tepe* (figura 1) na Turquia; *Pentre Ifan* (figura 2) no País de Gales; *Caral* (figura 3) no Peru, entre outras. Não há como negar que houve, de certa forma, uma tentativa de comunicação ao longo das estruturas dessas antigas idealizações materializadas, ou no sentido de informar sobre alguma atividade de costume que os correspondentes povos faziam, ou no intuito de transmitirem simbologias que atravessaram séculos e possuem seu valor semântico e artístico atualmente.

Figura 1 – *Göbekli Tepe*



Fonte: Site da BBC<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Link: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53760022> (acesso em 31. mar. 2021)

Figura 2 – *Pentre Ifan*



Fonte: Site Atlas Obscura<sup>10</sup>.

Figura 3 – *Caral*



Fonte: Site Peru Travel<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Link: <https://www.atlasobscura.com/places/pentre-ifan> (acesso em 31. mar. 2021)

<sup>11</sup> Link: <https://www.peru.travel/pt/masperu/caral-o-berco-da-civilizacao-mais-antiga-da-america> (acesso em 31. mar. 2021)



## 2.2. A chegada à América do Sul

Todos os seres humanos são dotados de 23 pares de cromossomos (material genético altamente compactado e condensado) que determinam as suas individualidades genótípicas e fenotípicas. Dentre tais duplas, uma se destaca por determinar o sexo do indivíduo. As mulheres possuem os cromossomos sexuais XX e os homens os XY. Uma mãe tem a capacidade de transmitir o DNA mitocondrial (mtDNA<sup>12</sup>) de forma exclusiva, quer o filho venha a ser menino ou menina. Analogamente, a estrutura circular do mtDNA assemelha-se a um relógio que mostra o sequenciamento genômico hereditário e quase que cronológico ao invés das horas. É dessa forma que as variações genéticas ao longo dos séculos de peregrinação à América e no seu interior são levantadas por meio dos estudos arqueológicos e antropológicos.

É por meio da análise do material genético de estruturas ósseas – descobertas em explorações de cunho paleontológico – que são levantadas as informações no estudo da patrilinhagem (através do cromossomo Y<sup>13</sup>) e matrinhagem (mtDNA) dos povos indígenas americanos. Quando as sequências genômicas tanto dos antigos quanto dos povos atuais são comparadas, é estabelecido o alicerce da ancestralidade biogeográfica para saber em que data aproximada houve a separação entre os americanos e os siberianos.

A teoria siberiana<sup>14</sup> afirma que, ainda no período do Pleistoceno, formou-se uma passagem entre a Ásia e o atual Alasca (EUA) por meio da redução do nível do mar. Houve, a partir de então, a ótima possibilidade da travessia de animais e humanos rumo ao ainda mais oriental lado do desconhecido globo em totalidade. O que explica a divisão atual entre ambos os continentes seria o posterior derretimento das geleiras, restando herança aos que ficaram em solo americano e rastros gênicos por vez dos que permaneceram no lado asiático ou Beríngia. A respeito dos paleo-índios, Santos (2006, p. 194) diz que:

A onda migratória mais antiga (Paleo-índios) teria dado origem aos atuais Ameríndios, habitantes da América do Sul, Central e grande parte da América do Norte. Esta primeira migração teria originado também os povos da cultura Clóvis

---

<sup>12</sup> Estrutura presente na mitocôndria, uma das organelas celulares, semelhante a um círculo. Este tipo de DNA é herdado apenas da mãe e possui sua importância como arquivo de informações genéticas, sendo preservado por mais tempo, uma vez que encontra-se em maiores quantidades o DNA nuclear por célula (PINTO; CAPUTO; PEREIRA, 2016).

<sup>13</sup> Definidor do sexo masculino, resultante de uma degradação quase que integral do cromossomo X (DE MAGALHÃES *et al.*, 2016).

<sup>14</sup> MARINCOVICH, Louie; GLADENKOV, Andrey Yu. Evidence for an early opening of the Bering Strait. *Nature*, v. 397, n. 6715, p. 149-151, 1999.

(~12.000 anos atrás), revelada em vários sítios arqueológicos da América do Norte. Uma segunda onda migratória mais recente teria originado os Na-Dene (Apaches, Navajos, etc) que habitam o noroeste e alguns pontos do sudoeste da América do Norte. A terceira migração, bem mais recente, daria origem aos Esquimós (Inuites) e Aleutas, habitantes do círculo polar Ártico.

Por outro lado, a passagem pelo estreito de Bering em nada prova uma ocupação sequenciada do norte ao sul americano, já que há registro de que o Homem ocupou a região compreendida pelo atual Piauí há 58 mil anos. Esses movimentos multidirecionais expõem muitas possíveis justificativas para que, milhares de anos depois, habitassem 1 milhão de índios na costa brasileira em 1500 (FAUSTO, 2000).

Como resposta a toda e qualquer teoria levantada a respeito de eventos anacrônicos, há quem justifique o aparecimento dos primeiros nativos no Novo Mundo através de outros levantamentos hipotéticos para este evento. Uma que entra no mérito de contrapartida e que merece destaque é a teoria de Knut Fladmark, que adicionou como outros possíveis pontos de partida (além das regiões da Mongólia, Sibéria e Rússia) as áreas da Polinésia e Austrália, via Pacífico, por meio de ilhas enfileiradas em cadeias que contribuíram como ponte de áreas secas intercaladas até a costa oeste da América do Sul. Esses em migração podem ter utilizado embarcações rudimentares. Em conjunto, portanto, "são teorias que demonstram que os povos ameríndios desenvolveram uma cultura muito anterior à vinda dos povos europeus" (GOMES, 2011, p. 15).

### 3. CENTRALIZAÇÃO EUROPEIA E HEGEMONIA

É evidente na história que, se um império ou reino cresce demográfica, econômica e tecnologicamente a ponto de criar liberdade para não temer um outro eventual rival, resta uma resposta curta e simples: conquistarem novos territórios e, assim, expandirem suas próprias culturas e estimular ainda mais o crescimento. Torna-se tempo de conquistar algo a mais custe o que custar.

O título deste capítulo remonta a um costume de poderio já antigo, com início equivalente à segunda metade do tempo até hoje depois de Cristo, e que não deixará de se basear em documentos antigos, decerto elaborados por europeus. Resta analisarmos os fatos numa linha do tempo imaginária cuidando para que a eurocentricidade não supere-os em si. Para começo, é primordial retroceder às primeiras movimentações das cidades como organizações ainda mais heterogêneas, estando praticamente independentes, porém com a formação 'Estado' inexistente até então.

Por volta de 1150, fortes aspectos como o acúmulo de produtos agrícolas excedentes e a especialização das funções de trabalho foram causadores da expansão agrícola, perante a presença dos povos bárbaros e o renascimento da Europa a partir do Império Romano já desfalecido. Não poderia haver uma tentativa de sua ressuscitação, tampouco realocá-lo – o que poderia ser perto ao impossível.

Semelhante ao que o mundo passa hoje, não quantitativamente, porém em impacto, a Peste Negra (1346-1353) sucedeu às diversas rebeliões ocorridas no continente central do Velho Mundo. Se antes sucumbiam pela escassez repentina dos alimentos e matanças de uns aos outros, a maior batalha estava tramada entre o ser humano e a bactéria ovóide de 0,5-0,8 µm de largura e 1-3 µm de comprimento, *Yersinia pestis*, que pareceu aproveitar-se de toda forma de insalubridade e inacessibilidade a sabões que somente o alto escalão social usufruía. Infelizmente, muitos pensaram que a peste bubônica tinha sido um sinal de castigo e de ira de Deus mediante os pecados cometidos, evidenciando que, por mais que fosse uma verdade entre muitos, havia ignorância no sentido de falta de conhecimento quanto aos métodos de proteção; à causa da doença e às silentes transmissões. Aldeias e alguns conglomerados de povos acabaram extintos pela pandemia. Uma grande perda cultural.

Contudo, reinventar-se foi a única válvula de escape do europeu para que encontrasse sua autonomia de vida. Grupos foram surgindo como comunidades mercantis que evoluíram para novas cidades propriamente ditas.

Hoje, por exemplo, podemos ver as mesmas (ou quase as mesmas) fronteiras que marcam as terras francesas, inglesas e espanholas, que foram determinadas no século XIII. As figuras monárquicas de rei, príncipe e princesa davam um ar de luxo disfarçado de burocracia, gozando o similar pulso ditatorialista e absolutista dos antigos imperadores. Abusavam de agirem conforme seus interesses que culminavam em decisões que visavam, geralmente, no bem-estar dos privilegiados nobres no máximo.

A Península Ibérica foi sendo retomada dos mouros; o Mediterrâneo deixou de ser um "lago árabe", onde os europeus não conseguiam sequer colocar um barquinho; os cruzados ocuparam Chipre, a Palestina, a Síria, Creta e as ilhas do Mar Egeu; no noroeste da Europa, houve expansão inglesa na direção do País de Gales, da Escócia e da Irlanda; no leste europeu, alemães e escandinavos conquistaram as terras do Báltico e as habitadas pelos eslavos. (FAUSTO & FAUSTO, 1994, p.9)

O fenômeno das grandes navegações, iniciado por volta do século XV e que se estende ao XVII, foi o estopim da quebra das linhas de fronteira nos mapas. Essa ruptura das delimitações gráficas ocorreu em virtude dos terrenos a serem dominados, já que não pertenciam a uma área contínua e imediatamente ligada por terra à previamente dominada. Para as potências daquele tempo, ultrapassar além do horizonte marítimo significava muito mais do que uma locução poética. Era sinônimo de bravura e coragem, já que muitos navegadores – capitães e tripulações inteiras – acabavam por não voltar aonde zarpavam, jamais se podendo ouvir novas notícias dessas embarcações, a não ser relatos raríssimos de outros que passaram por perto de supostos naufrágios. Aliás, lendas populares sobre monstros e presságios nos oceanos fomentavam a cobiça dos mais desbravadores dentre os desbravadores. Quanto deveria ser a recompensa do poder político por conhecer as ditas “regiões ignotas”? O quanto se poderia saquear espólios e riquezas dessas terras inabitadas (pois torcia eles por isso)? Perguntas semelhantes às essas certamente rondavam o pensamento de aspirantes a marujos. Quão sedutora era a palavra “descoberta”.

Portugal, pátria da língua através da qual está sendo feita a comunicação ao leitor, adentra à história de conquista com Lisboa sendo sua porta aberta às embarcações advindas das, de antemão hegemônicas e desenvolvidas comercialmente, Gênova e Veneza. O reino lusitano encontrava facilidade para a troca de mercadorias com sua “face” voltada ao Atlântico, tendo rotas ao longo de ilhas dispersas e da costa do continente africano. O entendimento acerca das correntezas marítimas também auxiliou no quesito de tempo e esforço, sinais das primeiras buscas por praticidade-benefício das quais o mercado de hoje utiliza em seus variados métodos de produção.



Cristóvão Colombo <sup>15</sup>referiu-se aos índios cometendo um erro geográfico e sociológico. Foi geográfico porque pensou ter chegado às Índias Orientais, enquanto estava no lado mais ocidental possível que poderia ter chegado após suas anteriores investidas aventureiras de navegante-explorador. Falhou sociologicamente também porque ele e seus companheiros não tinham compreensão da dimensão da diversidade de povos, com suas variadas tribos e línguas (FONTELES FILHO, 2020)<sup>16</sup>.

A respeito do contato dos nativos com estrangeiros, no estudo do campo biológico, há comprovações de que há fragilidade imunológica quando se trata de caso em que determinados agentes patológicos entram em contato com organismos ainda intactos, encontro esse jamais feito anteriormente. O caso dos que já estavam aqui não foi diferente. A ausência da imunidade natural - aquela de nascença, necessária para todo combate a possíveis enfermidades - escancarou o metabolismo dos nativos que, embora pudessem ter uma vida saudável e de atividade física presente no cotidiano, não gozavam de anticorpos específicos para os vírus e bactérias, nem sequer células de memória.

Para aumentar ainda mais a infelicidade desses acontecimentos, percebe-se que o elevado poder econômico europeu praticamente nem se importou com dos tipos de ameaças que poderiam vir sobre eles (de animais peçonhentos, alimentos venenosos, além dos com quem poderiam se encontrar no fim da jornada sobre alto-mar), comportando-se como hospedeiros originários das pandemias e das altas taxas de mortalidades que viriam a surgir.

---

<sup>15</sup> Navegador e explorador genovês (1451-1506) que foi um dos primeiros a registrar a própria interpretação de que a Terra era semelhante a uma esfera e lembrado pelo seu principal feito: a sua chegada às Américas por pensar, assim como os demais europeus, que chegaria novamente à Europa navegando para o oeste. Tal evento foi crucial para o começo de uma globalização, ainda que arcaica em demasia e a custo de muita exploração de povos nativos do Novo Mundo.

<sup>16</sup> Anotação pertinente. Realizada em um dos encontros do MOVIEPEC no segundo semestre de 2020.

#### 4. ÍNDIOS NA AMÉRICA DO SUL

As Leis 10639/03 e 11.645/08 tornaram as culturas indígena e afro-brasileira agentes participativos na educação historicista, abrindo espaço para um perfil transformador através de discussões em aulas e momentos extra sala. Como toda e qualquer temática trabalhada em sala de aula, especialmente a partir dessa promulgação, restaria aos professores participantes a ação de ensinar conjuntamente à tentativa de dissolver estereótipos em crescente concretização em território nacional.

A falta de zelo, de respeito e de valorização para com essas manifestações humanas bem demarcadas podem ser vistas em materiais didático-pedagógicos até então confeccionados. Se antes os livros da educação básica reservavam uma ou duas páginas como tópico de curiosidades, aparentemente desnecessários para as provas de avaliação, nos tempos atuais é possível ver abordagens mais isonômicas. E é na compreensão dessa diversidade de perspectivas do mundo que o indivíduo em processo de aprendizagem carece, podendo tornar-se menos ignorante estimulando suas inteligências múltiplas. Afinal de contas, as primeiras culturas formularam a matéria-prima do saber para a formação, após gerações a gerações, da sociedade moderna.

Dentro do espectro biológico, Ernst Haeckel fez considerações em relação aos humanos, dividindo-os em 12 "espécies" e 36 "raças", fazendo reverberar a ideologia nazista como plano de fundo das ciências da saúde. Sendo alguém de respaldo dentro da sociedade científica, não foi difícil convencer outros além dos compatriotas alemães e apoiadores arianos. Ironicamente, em seu centésimo aniversário de morte, biólogos alemães da Universidade de Jena iniciaram o movimento de derrubada do termo "raça" para humanos, levantando uma série de argumentos plausíveis. A Declaração de Jena trouxe à tona de que tais justificativas determinadora de raças a partir de fenótipos (como cor dos olhos e formato do crânio) foram razão do subjugamento de povos e suas quase extinções. A eugenia é criticada duramente uma vez que fere princípios da Ética, tratando a genética não como mecanismo de supressão de desarmonias fisiológicas, mas de seleção de melhores sobre piores - sendo que não há sequer um gene que comprove uma determinação racial, que defina o homem negro do branco, ou do judeu com o asiático (GÓES, 2015).

Estendendo a lei da física de Isaac Newton para o universo causal das ações de toda gente, de que "para toda ação, existe uma reação", banir o termo em discussão poderia marginalizar ainda mais as etnias que são tratadas como esquecidas. Seria um golpe de

rebote. Em virtude disso, “raça” não deveria ser excluído, mas sempre ligado a “etnia”, já que o primeiro remete aos padrões físicos diferentes entre os povos e o segundo com as possíveis ramificações internas dos mesmos que comprovam o multiculturalismo presente tanto no Brasil, como em outros países menores.

Se por um lado um grupo armado de estrangeiros não conseguiu dizimar um determinado agrupamento de uma tribo, isto é, se houve decorrente fuga para diferentes direções, os remanescentes dispersados poderiam ser os primeiros moradores de um local não habitado anteriormente e/ou geradores uma nova tribo. É claro que toda baixa foi uma perda sem direito ao cálculo de dimensão, sendo necessários os atos de consideração e respeito a cada vida indígena perdida. Em contrapartida, o afastamento entre os membros espantados pelos surpreendentes ataques foi a força motriz para que hoje existisse uma fortíssima e distribuída presença que sai da Terra do Fogo, escala e desce os Andes, escorre pela Floresta Amazônica e deságua no Oceano Atlântico.

A Biologia, portanto, fornece subsídios para o combate às discriminações e preconceitos. Considerando o percentual de índios no território brasileiro, o quanto sofreram com a colonização e o recente ganho de espaço de luta dos grupos.

## 5. OS TREMEMBÉS

Os índios realizam muito bem um papel social dentro da interseccionalidade entre os grupos urbanos e rurais. Tratando o Brasil como um país de dimensões continentais, podemos, sim, perceber que a maioria dos povos usufruem de vestimentas modernas assim como os "brasileiros genéricos, não originais", não aculturados de fato, mas também não idênticos visualmente como eram descritos os primeiros a serem vistos. Apesar disso, simultaneamente, não abandonaram as atividades de sustento como a confecção dos instrumentos para trabalho e o extrativismo intrinsecamente sustentável de produtos provenientes do ambiente onde estão inseridos, estando legalizados por lei.

Quando nos referimos à Etnociência, nos deparamos com uma linha tênue entre as comprovações de teorias científicas sobre o objeto de estudo e a sapiência de um indivíduo já integralizado 'ao' e 'no' objeto que lhe confere legitimidade de conhecimento sobre. Para ilustrar uma exemplificação simples, basta o caríssimo leitor recorrer às aulas práticas, seja no Ensino Básico ou na própria Academia, que exigiram visita a pessoas e/ou povos possivelmente iletrados ou sem formação no ponto de vista culto e academicista.

Num parêntese, adentrando ainda mais ao enfoque biológico, é indispensável ao curso de Ciências Biológicas, seja para licenciatura ou bacharelado, a busca ao que é mais fiel ou próximo à natureza no desenvolvimento da aprendizagem. Não que o uso de modelos tridimensionais ou desenhos devam ser alvos de menosprezo por parte dos graduandos, pois Vygotsky (2008) reforça a capacidade de imaginação do ser humano. No entanto, conhecer e entrar em contato com o que é real é bem mais preparador e confere maior propriedade ainda para responder a curiosas questões que possam surgir a eles, desde as feitas por alunos a colegas. Afinal, esse é o verdadeiro sentido da Ciência: partilhar a informação de diferentes saberes a todos.

Dentro da própria experiência na UFC, nas aulas de Zoologia, por exemplo, os professores e monitores esforçam-se na busca em campo por animais ou partes de suas estruturas na tentativa de repassar a retratação da fauna local com o que se for encontrado, havendo até mesmo parceria de compartilhamento de materiais entre diferentes laboratórios intra e interuniversidades. Do mesmo modo, verificam-se estruturas vegetais a olho nu nas aulas de Botânica, assim como partes microscópicas esteticamente interessantes que passam despercebidas por todos que circulam dentro do campus do Pici. As plantas regionais estão no acervo dos laboratórios das disciplinas de 'Criptógamas' e 'Espermatófitas' e dão ensejo, ou seja, mais significado na tradução da complexidade bio-

orgânica-inorgânica em palavras inteligíveis, mais acessíveis, compreensíveis e oportunas para o próprio ensino, dignas de serem repassadas.

São esses fatores que justificam a necessidade do autêntico, do original ser participante da instrução escolar. Não obstante a animais e plantas, a pessoa que está diariamente próxima à natureza - seja o pescador, o agricultor, o artesão e o rural em geral – pode ensinar tão bem quanto ou melhor que um doutor, mesmo que não possua um título de formação. Reforça-se, logo, a ideia de uma "educação protagonizada pelos sujeitos do campo", termo presente no trabalho de Ávila (2019, p.14), que quer significar muito mais do que uma educação feita em ambiente rural.

Qualquer visitante na cidade de Itarema (CE) observará que a maior parte da vegetação litorânea na altura de Almofala é formada por Coqueiros (*Cocos nucifera*) e cajueiros (*Anacardium occidentale* L. - nativa) compondo maior parte da vegetação litorânea e portando significativa participação dentre os rituais e histórias contadas pelos próprios nativos. Mais internamente ao território, há carnaubais (*Copernicia prunifera*) de onde retiram as folhas para a confecção de cestas, bem como oiticicais (*Licania rigida*).

Borges (2017) evidencia o relato de Yves d'Evreux<sup>17</sup>, em 1615, acerca do envolvimento dos Tremembé com o meio ambiente, estando eles impondo confiança sobre e apostando nela como sua parceira na segurança, alicerçando uma aliança leal que perdura até hoje dentro das mais variadas outras tribos. O francês descreve que pareciam preferir as planícies porque "com um simples olhar" poderiam descobrir "tudo quanto" estaria às suas vistas. Esse é o retrato da mais pura compreensão do meio usado em favor de sua proteção, até porque conhecer o território mais que um vindouro inimigo já os colocaria em vantagem. Assim, segue a narração elencando elementos como o cauim<sup>18</sup> e a cabaça (fruto não comestível produzido por *Lagenaria siceraria*, também conhecida como porongo).

### 5.1 De onde vêm os “Tremembé”?

Os Tremembé são um dos primeiros povos indígenas do território brasileiro que tiveram contato com os europeus dos quais receberam tal denominação por causa da habitação deles em meio a “tremedais” ou “pântanos”. Essa formação é marcante no bioma Pantanal, característico de parte do Centro-Oeste brasileiro, mas, certamente, os

---

<sup>17</sup> Entomologista e religioso francês (1577-1632), importante na tentativa da instauração de uma França Equinocial em sua estadia no Maranhão colonial (DAHER, 2018).

<sup>18</sup> Bebida fermentada, produzida a partir da mandioca (*Manihot esculenta*). A amilase (enzima advinda da saliva proveniente da mastigação dos preparadores) degrada o amido presente no vegetal tuberoso.

portugueses referiam-se aos semelhantes mangues presentes na costa cearense nas cercanias de Itarema. Além desses complexos estuarinos, há dunas e lagoas na região que propiciam uma paisagem local que impulsiona a chegada de turistas de todo o país. Além das cercanias de Almofala, Acaraú, Itapipoca, Fortaleza e Tutoia (MA) são cidades que marcam a presença desse povo.

Como nômade pescador e exímio nadador, compreendido no intervalo de espaço entre o rio maranhense Gurupi e o cearense Aracatimirim, o tremembé abrigava-se em choupanas elaboradas por ele mesmo durante jornadas em parte do litoral nordestino. Dessa forma, engana-se quem limita sua história à cidade de Itarema, pois mesmo com Almofala sendo reconhecida como território de raiz da etnia, desde o século XVI havia migração entre o litoral do Maranhão além do Ceará, tendo parte desse povo percorrido a costa das terras equivalentes ao local do atual Rio Grande do Norte.

Para começo de contextualização, as primeiras menções e descrições foram feitas pelo cronista Pedro Mártir de Algéria, acompanhante de Vicente Yañez Pinzón (dezembro de 1500 a setembro de 1501) e Américo Vespúcio (na sua terceira viagem ao Novo Mundo, de 1501 a 1502) (SPF, 1995). Ambas as figuras, ao mesmo tempo que reais, são símbolos personificados do descobrimento do Brasil e da América, respectivamente. Pinzón dá nome a um dos bairros da capital cearense por onde o mesmo teria passado, pois teria visto o litoral de Fortaleza nas proximidades do Mucuripe, no primeiro contato de sua vista às futuras terras brasileiras. Porém, há incertezas entre a própria cidade alencarina e o Cabo de Santo Agostinho (PE).

Fazer um levantamento demográfico de uma etnia é tão desafiante, que Steward (2000) estipula o povo Tremembé em 21.000 habitantes, sustentando que eles representavam, provavelmente, a metade dos tupis da costa - os mesmos nativos do litoral.

Abrindo parênteses, observamos que é forçada aos antropologistas a realização de um salto na ótica do recente domínio lusitano implantado no decorrer da história do povoamento do litoral nordestino – local de boa presença dos indígenas até os dias atuais – pois, tratando-se mais especificamente dos Tremembé, tem-se poucas informações nos períodos entre os séculos XVI e XVII. Borges (abril de 2011) afirmou que:

Esses grupos indígenas, ao contrário dos da Bahia, não aceitaram a instalação de núcleos de povoamento colonial nas suas praias. Então, passaram-se cerca de 200 anos para se ter o primeiro aldeamento. Como eles não aceitavam a presença europeia nos seus territórios, a gente tem poucos documentos escritos sobre eles. Não eram iguais aos Tupinambás, que os missionários ficavam entre eles.

Frente a esta parcial ausência de registros da época e possível tentativa inicial de extermínio por parte das autoridades daquele tempo, Garcia (1906) em contraponto salienta que, inclusive, denominar o início das atividades portuguesas no Brasil de "primitivo" é como descrever um período de falta de evolução e como se tivesse existido, de fato, uma dada errônea "Idade Média brasileira". Por outro lado, pode-se falar que há uma espécie semelhante de Era considerando a prévia existência dos ameríndios, conhecedores natos do território onde pisavam.

No século XVI, tanto franceses, como portugueses, em processo de sondagem por riquezas, tiveram contato com os Tremembé de forma esporádica, estando interessados mesmo em levantarem suas fortificações. O esforço francês foi tanto que conseguiram consagrar a ilha de São Luís (*Marangnon*, estado não muito distante do atual território do Ceará) como herança. Um interessante fato foi o aprendizado da língua nativa por parte de Charles dês Vaux, encarregado de cuidar da feitoria da ilha por Jacques Riffault, sendo um "intérprete-embaixador" como enfatiza Perrone-Moisés (2001). Apesar disso, os reconhecidos por iniciar os estudos do idioma são os jesuítas, que buscaram adequação linguística em troca de melhor controle administrativo em parceria com a Coroa Portuguesa e sucesso buscado ferrenhamente na catequese.

No século XVII, ao mesmo tempo da distribuição das terras em sesmarias (imminente perda de espaço dos habitantes primordiais para os brancos interessados em criar gados) por volta de 1679, o território cearense era o novo chão dos jesuítas através de aldeamentos e vilas. A subdivisão dos povos indígenas elaborados pelos recém-chegados era em aliados e inimigos, sendo aqueles quem fosse convertido ao catolicismo e esses quem rejeitava os novos costumes, preferindo os que tinham de natureza, sofrendo perseguições políticas e militares em razão disso (PINTO; MATOS; RUFINO, 2018).

Uma das fontes de formação do que hoje são alguns bairros de Fortaleza e cidades interioranas se deu pela massiva procura de refúgio, mesmo após forte resistência às perseguições da autoritária Coroa após a expulsão dos holandeses de Pernambuco e aliança portuguesa com os bandeirantes paulistas (acionados pelo frade Manuel da Ressurreição), que vieram sob a comando de Domingos Jorge Velho. Ao lado dos Tremembé, os Anacé, Jaguaribara, Acriú, Kanindé, Jenipapo e Baiacu mostraram-se resilientes aos constantes ataques e posicionamentos ameaçadores pelo tempo que puderam, não usufruindo da mesma artilharia dos advindos do Velho Mundo e exploradores provenientes do sudeste do Brasil Colonial. Apenas em 1713, a dita Confederação do Cariri, que incluía os "Inhamuns", "Cariús", "Crateús" e os próprios

“Cariris” determinados a insistirem na convivência harmoniosa com os senhores da época, foi derrotada após a aniquilação de todos os índios que se encontravam no caminho durante varredura do Vale do Jaguaribe ao Cariri. Com três décadas de duração, essa foi a “Guerra dos Bárbaros”, uma vez que os tapuias eram pejorativamente denominados assim pelos perseguidores da época. Inclusive, o estopim para tal extermínio foi o ataque daqueles à sede econômica da província Ceará (Aquiraz), em resposta às perseguições sofridas anteriormente.

Pedro Puntoni (1999: 190) escreveu que a hegemonia em guerras da parte dos colonizadores foi “garantida pela capacidade de assimilação e de acomodação de técnicas e estratégias nativas, adaptadas aos contextos ecológicos e sociais mais diversos”. Ou seja, os grupos nativos foram compreendidos friamente no quesito de como lutavam para que depois fossem martirizados.

Para nos situarmos, apesar de todas as desventuras sofridas dentro de sua etnia, os Tremembé estavam firmes a respeito de sua autonomia territorial em grande parte do litoral cearense. Curt Niemuendajú<sup>19</sup> (1981) destaca isso no seu mapa elaborado em 1944 (Figura 4). No sentido leste-oeste do litoral do continente, dentro do que hoje é o Ceará, ocupavam das proximidades de Fortaleza até o rio Parnaíba (no limite com o Piauí). Para além da fronteira, estendiam-se até São Luís, totalizando, aproximadamente, 900 quilômetros interestaduais de presença.

Figura 4 – Recorte do mapa elaborado por Curt Niemuendajú



Fonte: Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes - adaptado do mapa de Curt Niemuendajú

(1944)

<sup>19</sup> Etnólogo alemão (1883-1945) nascido com nome Curt Unckel. Seu apelido foi uma retribuição carinhosa pelos indígenas Apapocúva-Guarani. Niemuendajú significa “fazer moradia” (NIEMUENDAJÚ, 1987).



Por volta de 1750, Dom José I, o Marquês de Pombal<sup>20</sup>, estimulou mais uma onda de mescla populacional e cultural na tentativa de enfraquecer aqueles povos, os não-aliados aos detentores da politicagem e suas manobras coexistentes. Em uma atitude de falsa empatia (pois havia a tentativa de torná-los útil de alguma forma ao Estado, afastando-os da “ociosidade” e da “negligência”), a política pombalina expressou um característico marco de sua postura administrativa: o Diretório dos Índios. O documento denota que os índios foram forçados a misturarem-se aos brancos e negros, também estando impossibilitados de falarem da língua original, o que pôde ter iniciado a perda identitária de muitos, algo inestimável para a história da linguística do Brasil de três séculos atrás. Foram-lhes imputados sobrenomes que fossem portugueses por exclusividade. Ademais, as escolas tinham de segregar um mestre para os meninos e outro para as meninas, reforçando o que seria “arcaico” e “preconceituoso” para os dias modernos. A falta de roupa também foi duramente criticada e proibida, sob aviso de que essa e as anteriores imposições seriam passíveis de serem pagas com a vida se descumpridas fossem.

É apenas próxima à virada do século XVIII para o XIX que a flexibilização legislativa pôde ser uma salvação ou “ponto de referência para o retorno de uma política indigenista dual”. O Siará Grande, agora capitania e independente de Pernambuco, tinha como primeiro governador Bernardo Manuel de Vasconcelos. Os dias melhores esperados em demasia pelos índios foram adiados pela semelhante prerrogativa de gestão em escala local, pois enviara ao secretário de Estado de Negócios da Marinha e Ultramar uma carta que atentava para os “furtos” e “latrocínios”.

Com a revogação da lei das concessões das sesmarias por parte do reinado português, os índios ganharam, isto é, retomaram o reconhecimento como povo de distintas tribos. A elevação ao Estado de Reino automaticamente preparou o terreno brasileiro para o desmanche das divisões de terras. A Carta das Sesmarias concretizou isso. Independentemente dessa publicação oficial, tanto a Igreja como tradicionais latifundiários permaneceram em posse de porções consideráveis sitiadas se considerarmos, pelo menos, o estado cearense. Esses seriam os precursores dos ditos coronéis do século seguinte que, mais futuramente, viriam a expulsar os Tremembé das localidades de Almofala e Itarema.

---

<sup>20</sup> Sebastião José de Carvalho e Melo, também Conde de Oeiras (1699-1782). Seco e Amaral (2006) destacam que a sua ideia de miscigenação se mesclou ao objetivo de controlar as fronteiras interioranas: “o interesse de Estado acabou entrando em choque com a política protecionista dos jesuítas para com os índios e melindrando as relações com Pombal”.

Vale salientar que houve uma disputa acirrada pela aquisição de territórios por parte dos deputados da Assembleia Provincial do Ceará (atual Assembleia Legislativa do Ceará) em meados do século XIX. Os interesses políticos e econômicos conviviam com as afirmativas de que o Ceará era um dos poucos estados brasileiros onde não existiam mais índios, afirmativas essas endossadas pelo SPI (posterior FUNAI). No entanto, fartos de serem alvos de abuso dos poderes, os incompreendidos grupos indígenas, tanto sócio como politicamente, começaram a reivindicar por seus direitos em proteção às suas posses, tanto econômicas, como culturais. Propriedades, condições trabalhistas igualitárias e o combate ao preconceito tornaram-se elementos do dia-a-dia dos povos indígenas.

Para a felicidade dos posseiros e para a infelicidade dos Tremembé, uma duna<sup>21</sup> de areia da região encobriu a igreja e seu povoado em Almofala por volta de 1897. Como demonstração plena de luta e bravura do povo, há histórias contadas pelos Tremembé de que os mesmos retiraram toda a areia, punhado em punhado, para recuperarem seu espaço de moradia com sucesso em 1940 (BORGES, 2014).

Para citar um dos maiores esforços já empreendidos na causa da sua autonomia, na década de 1980, latifundiários, posseiros e a Empresa DUCOCO, não sendo suficiente o que já tinham de propriedade, pressionaram aqueles da Tapera e da Varjota (distritos, assim como Almofala) para que batessem em retirada. Após muita resistência, os cidadãos de Tapera viram-se obrigados a receber indenização e deixaram a localidade. Outros, segundo Machado (2015, p. 30), renderam-se à negação da própria identidade indígena, aceitando emprego na empresa supracitada e tendo permissão para levantarem suas novas moradias próximo ao mangue do Rio Aracatimirim". Em um caso dessa fragilidade, precisamos entender o quão esses apartados foram submetidos a prováveis pressões psicológicas, mediante o deslumbramento da oportunidade de terem em mãos uma quantia monetária mensal, ao menos, confortável para aqueles tempos.

## **5.2. O Curso de Magistério Indígena Tremembé Superior – MITS**

Antes da saída do papel e dos projetos planejados em 2006, o Curso de Magistério Indígena Tremembé Superior (MITS) necessitou da prévia insistência dos Tremembé em relação à formação dos seus professores natos, ao menos filhos de suas terras e conscientes de seus direitos e deveres. As memórias daqueles já experientes e dos

---

<sup>21</sup> Esse fenômeno de translocação dessas estruturas arenosas não têm momentos certos, tampouco podem ser previstos ainda mesmo hoje, uma vez que áreas litorâneas do Estado cearense estão sujeitas aos maiores índices de velocidade de vento.

que já haviam falecido foram combustível encorajador para que cada ato defensivo a respeito da educação acontecesse. Intrinsecamente, não há como segregar nem mesmo a educação com a cultura desse povo também, uma vez que trataremos e analisaremos aqui sua tentativa de inserção autopromovida no sistema educacional formal, em resposta à falta de iniciativa dos poderes públicos responsáveis pela educação escolar, em cumprimento aos direitos indígenas preconizados pela Constituição Federal de 1988.

Como numa via de mão única e que daria em um único resultado, tanto a marginalização sofrida por esses povos como as tentativas políticas de “integração” destes à sociedade nacional convergiram no fortalecimento dos movimentos indígenas, quer fosse boa ou má a reputação. É desse paradoxo que Guilherme (2018, p.92), referindo-se às atividades traumatizantes até então da colonização e seu impacto sobre os povos indígenas explica, dissertando que:

[...] ficaram de fora comunidades indígenas, empurradas para as margens dos territórios, cada vez mais comprimidas, o que paradoxalmente lhes permitiu a sobrevivência de cosmovisões, conhecimentos e modos de vida, cujo sentido vale a pena considerar em confronto com o processo de radicalização da modernidade que se expande em uma globalização hegemônica e sufocante.

Portanto, para que os costumes, trejeitos e seus demais elementos caracterizadores perdurem para além da contemporaneidade, nada melhor do que recorrer à atividade instrutiva mais antiga do mundo.

No âmago dessa proposta de educação escolar, verificamos que ela não se trata apenas de alguém mais vivido iluminando um mais jovem, tampouco uma transmissão de conhecimento, quer seja matemático, biológico, físico, químico ou histórico. Repassar determinada informação não garante a internalização dela, o que torna-se um dos principais desafios que o educador encontra nas suas experiências de ensino, se não, o maior. Desse modo, é essencial a participação com e para o aluno a fim de que o erro aconteça em seguida, podendo esse ser cogitado pelo professor previamente determinado para levá-lo ao acerto. Por sinal, os Tremembé são reconhecidos por praticarem uma exemplar sistemática de liderança e, sem dúvidas, o mesmo respeito na relação professor-aluno (com ambos os tipos de sujeitos cientes de seus papéis de relação institucional) pôde, então, ser equiparado com o atribuído ao(s) líder(es) da(s) comunidade(s), ou seja, cacique(s) e pajé(s).

Felizmente, desde suas origens, as escolas diferenciadas Tremembé foram ambientes frequentados por professores das mesmas raízes. Decerto, esse fato ajudou em

muito o conhecimento mútuo e a forma de abordagem mais facilmente contextualizada durante as aulas.

### **5.2.1 A origem do Curso de Magistério Indígena Tremembé Superior**

Em 1991, Raimunda Marques do Nascimento (“in memoriam”), filha do cacique João Venâncio, conhecida como "Raimundinha" funda a Escola Alegria do Mar que inicia suas atividades de forma simples e despretensiosa, em Almofala (NASCIMENTO et al., 2014). Naquele período, Itarema possuía 25.548 residentes, sendo 69,79% deles habitantes da área rural (IBGE). Em si, a primeira escola pública de Itarema foi criada em 1949, deixando uma brecha de 42 anos para que a primeira Escola Diferenciada em um distrito que não do Centro do município viesse a existir. Foi um período que representou bem mais do que o tempo que alguém poderia ter vivido. Foram tempos de trabalho bruto, pedintes de exclusiva força braçal em troca do sustento. Entende-se, portanto, que os mais poderosos do Estado do Ceará foram e são os principais invasores das terras indígenas do território cearense e que as políticas atuais desfavorecem e buscam o enfraquecimento e esquecimento dos povos indígenas incluindo, é claro, os Tremembé. Também, no mesmo ano da fundação da Alegria do Mar, o Ministério da Educação (MEC) passou a delegar os Estados e Municípios após a recente Constituição Federal estabelecida em 1988, ações administrativas referentes ao apoio às escolas indígenas (SERRÃO; DOS SANTOS, 2017, p. 0215).

Na verdade, para não nos apegarmos ao termo ‘escola’ (entendido, em senso comum, como um conjunto de séries e suas respectivas turmas), precisa-se realçar que Raimundinha esteve com uma única turma de 28 crianças e jovens, lecionando leitura, escrita, matemática básica sob um galpão de palha e chão de areia, com troncos de coqueiro servindo de mesas, e que servia também de pesqueira. Além do mais, as cantigas e danças do Torém eram ensinadas na praia de Almofala como conclusão das aulas de todos os dias. Infelizmente, por falta de condições mínimas de manutenção do projeto por parte dos pais dos alunos, os trabalhos foram interrompidos em 1992. Após 5 anos de pausa, para a alegria daqueles que contentavam-se com aquela diferente iniciativa, se começou o processo de retomada e expansão daquela singela escola. Todas, com uma ideia centrada na vindoura e aprimorada educação diferenciada (FONTELES FILHO, 2013).

Neste estopim, agora mais esperançoso, os alunos indígenas tinham acabado de ganhar um refúgio em face das escolas tradicionais e das discriminações que ali sofriam.

Ainda não era sinal de uma plena autonomia, uma vez que haveria de se organizar toda uma malha de acordos e reconhecimentos oficiais, que lhes confeririam a continuidade e as condições necessárias para desenvolver as atividades educacionais. Assim,

No que se refere à formação específica e diferenciada de professores, essa teve início no ano de 1997, sendo conduzida principalmente por uma professora da Igreja Metodista, Karla Virgínia, com experiência em educação indígena. Nesse período também, a Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará – SEDUC realizou outras ações, tais como: diagnóstico preliminar sobre a realidade da Educação Escolar Indígena no Ceará, convênio com Associações Indígenas para pagamento dos professores Indígenas, seminários, encontros e estudos essencialmente relativos às culturas indígenas cearenses e ao Referencial Curricular para as Escolas Indígenas (UFC, 2013, p. 15).

Fica claro, então, que o MITS teve início pleno de desafios, incluindo a necessidade de reconhecimento formal. Os primeiros do Brasil precisaram passar pela humilhação de serem um dos últimos grupos levados em consideração pelas formalidades legislativas com finalidades de melhoria social. É por isso que Fonteles Filho (2020) diz que “[...], não temos ainda, no Brasil, instâncias ou tomadas de decisão de governo que sejam próprias dos povos indígenas e que reflitam seus interesses mais imediatos, e que cuja gestão seja feita por eles mesmos”. Tal argumento, que é atual, explica a preocupação dos fundadores do curso de licenciatura que, para pôr em realidade a melhoria da educação de estudantes partilhantes do mesmo sangue nativo, confeccionaram um Projeto Político-Pedagógico (PPP) próprio reforçando a validade teórica de que, nessa Educação Diferenciada e “Pé-no-Chão”<sup>22</sup>, os índios comporta-se ambigualmente nos papéis de sujeito e objeto de estudo.

Faço das palavras de Baldus (1937, p. 163) as minhas, dizendo que os índios “tem a mesma capacidade de um europeu para aprender a pensar, sendo educado, desde pequeno, para esse fim” e que “por conseguinte, o ambiente e a educação têm, a esse respeito, papel mais decisivo do que a raça”. É dessa forma, portanto, que há de defender a educação indígena diferenciada também todo aquele que não pertence à etnia, que compactua com sua emancipação em gestão e, em especial, com educação.

---

<sup>22</sup> Categoria atribuída pelos próprios Tremembé à sua perspectiva de educação diferenciada, incluindo a formação de professores.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os apontamentos aqui levantados serviram como pilares narrativos que sustentaram a importância da continuação da luta por parte dos indígenas a favor dos seus direitos como cidadãos e participantes tão importantes quanto os outros grupos sociais. O destaque que aqui ganharam foi um sinal e voto reconhecedor de que são dignos de constituírem e construírem ainda mais seus comportamentos e posturas na sociedade, em paz, acompanhados da liberdade autodeterminação.

Nos dias de hoje, a esperança é de que uma simples assinatura no rodapé de um documento não consiga apagar toda a história étnica dos povos indígenas. Aliás, ainda há muito a se descobrir e aprender com esses. Os saberes dos mais velhos jamais deverão ser silenciados pelas vozes da modernidade letrada, isto é, das falácias que outros expressam de que a melhor forma de ensinar sempre será através da escola ocidental. Indubitavelmente, se houver o rompimento das ligações étnico-culturais entre gerações, a tradição dos costumes há de se tornar sufocada. Consequentemente, a Educação Diferenciada Indígena também há de continuar lutando por mais espaço no cenário atual, indo contrária a quaisquer medidas que venham a dirimir, direta ou indiretamente, suas atuações.

Entendemos que o Estado do Ceará foi e é o principal invasor das terras indígenas do território cearense, ou no mínimo o responsável direto por decisões políticas, algumas infelizmente ainda atuais, que desfavorecem e buscam o enfraquecimento e esquecimento dos povos indígenas, incluindo os Tremembé. Vimos que até hoje não foi implantado também um sistema escolar indígena administrado pelos próprios. Ao invés disso, atuam “brancos” por meio da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC). É evidente que, além da falta de senso, há um fortalecimento da desatenção educacional e, visivelmente, a prioridade para o gestor branco são as escolas regulares e profissionalizantes.

Em meio aos desafios, os Tremembé seguem seu caminho buscando reinventar suas práticas sociais, trazendo-as também para o contexto da escola, como na “pedagogização” do Torém, que tornou-se um elemento essencial dentre as práticas corriqueiras nos momentos de aula. Como Raimundinha depôs para a cartilha organizada por Silva, Sousa e Virgínia (1998, p. 1): "Ser índio para mim é saber dançar o Torém, é sentir o som de cada canto, e saber a sua história. Sentir a terra firme, saber viver nela carinhosamente. Por isso que eu sou índia Tremembé”.

Outro ponto a ser destacado, que serve mais como sugestão com a função adicional aos conteúdos programáticos de meu curso, é a ausência de uma ligação da Educação Indígena enquanto disciplina à ementa do curso de licenciatura de Ciências Biológicas da UFC (Campus do Pici). Para um discente de Biologia, a Educação Indígena é indiscutivelmente oportuna, como na experiência pela qual passei em Instrumentação no Ensino de Biologia.

Refletindo no percurso de minha formação, percebi que houve relevantes momentos para que se fizessem diversas discussões, que giravam em torno da Etnobiologia a qual, infelizmente, pouco foi explorada ou admirada pelos que poderiam mediar tais oportunidades. Quando essa é pesquisada no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA/UFC), acha-se apenas um uso da área dentro da modalidade de pós-graduação *stricto sensu*, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFC), com uma carga horária total de 48 horas. Numa breve simulação, seriam 3 horas de aula por semana numa duração de 16 semanas letivas. Assim, para uma inserção do pós-graduando ser relativamente proveitosa e de sucesso - tendo em mente a premência de relevantes reflexões através de práticas - é observado pouco investimento nesse campo do conhecimento, resultando numa provável insuficiência de aprendizagem. Ainda por cima: o programa supracitado mais tende à área bacharelesca que à de licenciatura em si, o que reforça mais o argumento em foco.

Desta forma, antes de qualquer moralização da questão tratada no presente trabalho, que haja respeito em relação àqueles que são herança biológica e cultural dos primeiros habitantes deste país continental.

## REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Milena Aires de. **Ciência e biologia na educação do campo no Ceará: o enfoque no método e na metodologia**. 2019. 90 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.
- BANIWA, Gersem Luciano. **Movimentos e políticas indígenas no Brasil contemporâneo**. Campo Grande: Tellus, 2007.
- BALDUS, Herbert. **Ensaio de etnologia brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1937.
- BELO, Lucas Lima Andrade; TELES, Kátia Inêz; SILVA, Hésley Machado. Efeitos da alimentação na evolução humana: uma revisão. *Conexão Ciência*, v. 12, n. 3, p. 93-105, Formiga, [s. n.], 2017.
- BORGES, Jóina Freitas. **Sobre os Arais dos Tremembés da Tapera (CE): Arqueologia, memória e luta**. Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, Natal, RN, 2014.
- DAHER, Andrea. A invenção capuchinha do selvagem na época moderna. São Paulo: *Revista de História (São Paulo)*, n. 177, 2018.
- DE MAGALHÃES, Ítalo Moraes et al. Informações acerca de marcadores moleculares uniparentais: dna mitocondrial e cromossomo y. **Estudos de Biologia**, v. 28, n. 63, Goiânia, [s. n.], 2006.
- FAUSTO, Carlos. **Os índios antes do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2000.
- FAUSTO, Boris; FAUSTO, Sergio. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1994.
- FONTELES FILHO, José Mendes. O Curso de Magistério Indígena Tremembé Superior – MITS: protagonismo indígena e inclusão social no ensino superior no Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL INCLUSÃO EM EDUCAÇÃO –UP-3. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ/Lapeade, 2013. p. 637-645.
- GARCIA, Rodolfo. **Sistemas de classificação bibliográfica: da classificação decimal e suas vantagens**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Bibliotecários, 1969, p. 11, 13-19; ABREU, J. Capistrano de, op. cit., 1907, p. 5, 13-14, 37, 45-46.
- GÓES, Weber Lopes. Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl. 2015. 276 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2015.
- GOMES, Luana Barth. Legitimando saberes indígenas na escola. 2011. 125 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2011.
- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Ed.). **Índios no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994.



GUILHERME, Maria Manuela Duarte. O diálogo intercultural entre Freire & Dewey: O Sul e o Norte nas matrizes (pós)-coloniais das Américas. *Educ. Soc.*, v. 39, n. 142, p. 89-105. Campinas: [s. n.], 2018.

HILLEARY, C. **Native Americans Gave Places, Animals, Plants Their Names**. VOA, USA, 2017. Disponível em: <https://www.voanews.com/usa/native-americans-gaveplaces-animals-plants-their-names>. Acesso em: 11 jan. 2021.

LOPES, Andreza Calhau Lacerda. O exercício da docência em perspectiva histórica. 2014. Dissertação (mestrado) – Universidade de Uberaba, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

LORENZ, Konrad. **Os fundamentos da etologia**. São Paulo: Unesp, 1995.

MACHADO, Francisca Paula. Memória Social e afirmação étnica na tradição oral dos Tremembé de Almofala (1980-2014). 2015. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2015.

MARINCOVICH, Louie; GLADENKOV, Andrey Yu. Evidence for an early opening of the Bering Strait. *Nature*, v. 397, n. 6715, p. 149-151, [S.l.], 1999.

NASCIMENTO, Maria Gilsa do et JACINTO, Rita Félix. **História da Educação Diferenciada Tremembé**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Mapa etno-histórico**. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1981.

NIMUENDAJU, Curt. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guaraní**. São Paulo: Editora Hucitec/Edusp, 1987.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Muita terra para pouco índio? Uma introdução (crítica) ao indigenismo e à atualização do preconceito. **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, p. 61-81, 1995.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Índios Livres e Índios escravos. Os princípios da legislação do período colonial (séculos XVI a XVIII). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.

PINTO, Leticia Batista; CAPUTO, Isamara G. Cavalcanti; PEREIRA, Margaret Mitiko Inada. Importância do DNA em Investigações Forenses: Análise de DNA Mitocondrial. *Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics*, v. 6, n. 1, p. 84-107, Curitiba: [s. n.] 2016.

PINTO, André Luís Aires; MATOS, Maria Jardenes de; RUFINO, Maria do Socorro Moura. El conocimiento etnográfico de los Tremembé de la Barra do Mundaú, Ceará. **Interações (Campo Grande)**, v. 19, n. 1, p. 15-28, [s. n.], 2018.

PUNTONI, Pedro. **A arte da guerra no Brasil. Tecnologia e estratégia militar na expansão da fronteira da América portuguesa, 1550-1700.** Novos Estudos Cebrap. São Paulo: Cebrap, n. 53, 1999.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 13, n. 2, p. 245-249. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes.** Paris: Libr. de la Bibliothèque Nationale, 1902.

SANTOS, Fabrício R. O povoamento das Américas através de estudos de ancestralidade paterna. **II Simpósio Internacional "Povoamento das Américas"**. Piauí, 2006.

SECO, Ana Paula; AMARAL, Tania Conceição Iglesias do. **Marquês de Pombal e a reforma educacional brasileira.** Faculdade de educação da UNICAMP, São Paulo, 2006.

SERRA, Ordep José Trindade. Antropologia nas encruzilhadas: "que é feito da etnociência?" Algumas reflexões teóricas a partir de pesquisas sobre etnomedicina e etnobotânica no mundo do candomblé. **Revista de Ciências Sociais**, v. 32, n. 1/2, p. 120-130. Fortaleza, [s. n.], 2001.

SERRÃO, Michelle Carneiro; DOS SANTOS, Rodrigo Barroso. Educação escolar indígena em escolas urbanas: realidade ou utopia?. **Revista Eletrônica Mutações**, v. 8, n. 15, p. 0210-0225, Parintins, [s. n.], 2017.

SILVA, Evaldo Mendes da; SOUSA, Ivo; VIRGÍNIA, Karla. **A tradição por trás da criação—Cartilha do povo Tremembé.** Fortaleza: SEDUC, 1998.

SOUZA, Simone; GONÇALVES, Adelaide. **Uma nova história do Ceará.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

UFC - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Projeto Político-Pedagógico do Curso de Magistério Indígena Tremembé Superior – MITS. Fortaleza, 2013, s/e (digitalizado).

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. **Semiótica, sistema e sinais.** 1994, 320 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch et al. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.